

FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO NOROESTE DO PARANÁ E A AÇÃO DA COMPANHIA COLONIZADORA BYINGTON

FORMATION ASSOCIATE SPATIAL OF THE NORTHWEST REGION OF THE PARANÁ AND ACTION OF THE COMPANY BYINGTON OF THE COLONIZATION.

Flavio Fabrini¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de formação socioespacial através da ação da Companhia Byington, na região Noroeste do Paraná, a partir de 1960, focalizando o processo de formação do espaço dos atuais municípios de Altônia, Esperança Nova, Pérola, São Jorge do Patrocínio e Xambrê. A base econômica para a ocupação capitalista do território foi a produção cafeeira, motivo que atraiu imigrantes de diversas partes do país, relacionado as ações das várias companhias colonizadoras que providenciaram a infraestrutura necessária e imprimiram um ritmo de ocupação intenso nesta região, apoiado na economia cafeeira. Isto possibilitou oportunidade de negócio para o Estado e para as companhias. Com a presença de empreendimentos de colonização, o território passou por um processo de reocupação, no qual empreendedores tornaram-se protagonistas da produção do espaço, ficando os demais agentes sociais presentes nesse território à margem do processo histórico. Neste sentido, analisamos as peculiaridades do processo de reocupação do território buscando compreender as ações realizadas pela Companhia Byington. Aspectos como a estrutura fundiária e morfológica das pequenas localidades urbanas no Noroeste do Paraná mostram que foram núcleos urbanos inicialmente planejados por empreendedores responsáveis pelas companhias que realizaram a formação do espaço no Noroeste do Paraná.

Palavras-chave: Socioespacial. Companhia Byington. Noroeste do Paraná. Território

ABSTRACT

The present paper has objective to analyze the process of the formation associate spatial, through of the action of the Company Byington northwest of the state of the Paraná – Brazil, as from 1960, when they focalize the process of the formation of the space of the present municipals districts of the Altônia, Esperança Nova, Pérola, São Jorge do Patrocínio and Xambrê. The economic base, for the occupation capitalist of the territory economic influence made by coffee planting. The motive which attracted the immigrants of the different parts of the country, it's related with the actions of the various companies of the colonization which they provided the necessary infrastructure and implanted a rhythm intense occupation in this region, they were supported in the economy coffee planting. It's enabled a great opportunity of the business for the States and for the Companies. With the presence from those enterprises of the colonization, the territory passed for a process of the reoccupation, where those enterprisers give back their selves protagonist of the production of the space, it's remaining the overmuch socials agents presents in that territory at the put aside of the historic process. On that sense, we analyze the peculiarity in the process of the reoccupation of the territory,

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) flafabrini@hotmail.com

through of the activities of the CTNP/CMNP, which present the likeness and searching to comprise the specificities realized by Byington Company. Aspects such as land and morphological structure of small urban locations in Paraná Northwest show that urban centers were initially planned by entrepreneurs responsible for the companies that made the formation of the space in the Northwest Paraná.

Key Words - Associate spatial; Company Byington Northwest of the Paraná; Territory.

INTRODUÇÃO

O processo de formação das localidades no Noroeste do Paraná está associado a uma parte específica da história do país como grande produtor mundial de café. Foi através deste produto que a região ganhou notoriedade e passou a ter um expressivo papel econômico no contexto nacional.

Contudo, há sempre especificidades na ocupação das regiões que compõe um país com grande extensão territorial, como o Brasil. Por isso, quando se trata do processo de formação socioespacial, em geral, temos por referência escalar o território nacional. Entretanto, observamos que é possível reconhecer em algumas regiões a forma com que o capital se apropriou de uma localidade, produzindo particularidades no processo de acumulação capitalista.

Para esse trabalho, consideramos as contribuições sobre a formação socioespacial proposta por Milton Santos (1979) que tem na sua base a produção e a forma como se reproduz o capital. A base econômica para a ocupação capitalista e efetiva do Noroeste do Paraná foi a produção cafeeira, motivo que atraiu imigrantes de diversas partes do país. A história da cafeicultura no Paraná é formada em seu início por um processo lento de produção, devido, principalmente, às dificuldades de escoamento e às crises que afetaram o produto no cenário mundial.

Posteriormente, diversas companhias colonizadoras providenciaram a infraestrutura necessária e imprimiram um ritmo de ocupação bastante intenso nesta região, usando como discurso o incentivo à produção cafeeira.

Embora o trabalho discuta aspectos sobre a região Noroeste do Paraná, não se pretende analisar a formação socioespacial de toda esta região, sabendo que este conceito é muito rico. O título do trabalho indica que pretendemos fazer uma relação entre o Noroeste e as atividades da companhia Byington, pinçando os elementos da

formação socioespacial, verificando se há coerência espacial entre essa área e o restante do Noroeste paranaense.

Neste trabalho, realizamos uma análise sobre o processo de ocupação do Noroeste paranaense, tendo como recorte territorial as atividades realizadas pela Companhia Byington & Cia. Ltda. e Colonização² abarcando os atuais municípios de Xambrê, Pérola, Altônia, São Jorge do Patrocínio e Esperança Nova. Nossa contribuição está voltada à parte da região que apresentou a atuação da Companhia Byington, que igualmente deixou suas marcas na construção de localidades no território paranaense.

Isto possibilitou oportunidade de negócios para ambos: o Estado por que alegava não possuir recursos disponíveis para realizar o processo de povoamento. Para as companhias, a política adotada pelo Estado do Paraná contribuiu para as ações da iniciativa privada, sendo uma maneira oficializada para esses agentes imobiliários conseguirem terras para especular e obterem bons rendimentos.

A reocupação do território é uma forma de referir nesse trabalho a um segundo momento, sendo a fase posterior da ocupação, associada à chegada da Companhia de Colonização. Entendemos que havia uma ocupação inicial por povos indígenas, posseiros, pequenos proprietários de terra que não vieram a partir dos empreendimentos capitalistas, decorrente do estímulo oferecido pelo governo estadual.

As ações adotadas pela Companhia Byington, ao que tudo indica, reproduziram o discurso de um território inóspito, omitindo a presença de outros agentes sociais, presente em terras que pertenceram a esta Companhia, promovendo a construção histórica a partir da perspectiva abordada pelo empreendimento Byington.

Portanto, analisamos o processo de reocupação do território ocorridas através da formação do espaço e as características dos atuais municípios. Adotamos como recorte temporal o início da atuação do empreendimento, onde os primeiros indícios apontam que foi a partir de 1950. No entanto é a partir 1960 que órgãos governamentais publicam os primeiros dados sobre os municípios.

Os procedimentos metodológicos para desenvolver este trabalho foram através de entrevistas com os primeiros compradores de propriedade das localidades, responsáveis do empreendimento e ex-funcionários da Companhia Byington. Aliadas a

²Informação retirada no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ. www.receita.fazenda.gov.br (acessado em 8 de setembro de 2005).

esse processo, realizamos consultas em fontes da empresa, documentos cartorários como os memoriais descritivos da construção das localidades, publicações da imprensa oficial do Paraná, leis estaduais e municipais, contratos de compra e venda das terras, retratando as ações que contribuíram para a formação do espaço envolvendo a Companhia.

Portanto, com a chegada da companhia de colonização, o território passa por um processo de reocupação, onde esses empreendimentos tornaram os principais responsáveis de produção do espaço, ficando os agentes sociais presentes no território, excluídos do processo histórico. O foco desse artigo está relacionado aos agentes produtores desse espaço, em especial as companhias colonizadoras e a Byington de modo mais detalhado.

PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA REGIÃO NOROESTE DO PARANÁ

A análise baseada no processo de formação socioespacial tem como objetivo refletir sobre os aspectos relacionados à questão econômica, política e social que ocorreram no Brasil. Sobre este conceito, é necessário observar os fatores relacionados ao contexto nacional, como fornecedor de produtos primários, em que, a produção estava centrada na grande propriedade, baseado, principalmente na monocultura e na utilização de mão de obra escrava.

De acordo com Santos (1977), o estudo das formações econômicas e sociais possibilita conhecer uma sociedade na sua totalidade como nas suas frações, reconhecendo aspectos nas várias formações. As formações econômicas são direcionadas pelo modo capitalista de produção, cujos desdobramentos estabelecem formações socioespaciais divergentes, incluindo as especificidades com que cada área é incorporada à lógica do capital.

O processo de formação socioespacial ocorrido no território nacional, passa por mudanças neste cenário como, por exemplo, a mão de obra oficialmente deixou de ser escrava, passando para porcenteiros, meeiros e, finalmente, assalariados. Contudo, não houve grandes mudanças no contexto de apropriação da terra, as grandes propriedades permaneceram, embora particularidades tenham ocorrido na conjuntura nacional. Dentro deste contexto, o Noroeste do Paraná apresenta aspectos como a participação de várias companhias colonizadoras no processo de formação do espaço. Outro ponto que

podemos destacar, está relacionado às propriedades rurais. Na escala nacional ocorre a formação de grandes propriedades, no Paraná, as companhias desenvolvem o fatiamento das terras em pequenas propriedades, isso, não impediu a formação de grandes propriedades, porém em números inferiores.

Neste sentido, o Paraná passou a representar um dos principais expoentes da produção de café no cenário nacional; a região Noroeste do Paraná, pela política de incentivo à produção cafeeira e pelas concessões de terras realizadas por parte do Estado às várias companhias como Colonizadora Cafezal, Colonizadora Mariluz, Companhia Brasileira de Imigração e Colonização – Cobrinco, Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná – Sinop, entre outras de maior influência como a CTNP - Companhia de Terras Norte do Paraná.

Essas companhias formaram pequenas propriedades rurais, possibilitando aos imigrantes adquirir um pequeno lote. A comercialização dessas propriedades trouxe características peculiares ao Noroeste do Paraná. Sob este contexto, os incentivos estaduais para concessão de terras, aliados à influência econômica cafeeira e a imigração, possibilitaram a formação das localidades nesta região do Estado.

Conforme aponta Endlich (2006), o Noroeste paranaense destaca-se pela densidade da rede urbana.

Sobre o surgimento de algumas cidades nas diversas regiões paranaenses serve para indicar que a ‘arquitetura’ da rede urbana decorre de uma soma de tempos e processos. Embora as cidades sejam marcas de momentos passados, o presente as situa numa dinâmica sincrônica e articulada, referendando posições anteriores ou redefinindo papéis e conteúdos (ENDLICH, 2006, p. 44).

O conjunto de cidades do Paraná em sua maioria possui diversas referências temporais quanto ao seu surgimento. A origem da maioria dos núcleos urbanos presentes na região Noroeste ocorreu entre os anos de 1940 e 1960 em sua maioria, resultando da ação de empreendimentos imobiliários privados e estatais. Para Endlich (2006, p.46)

[...] os empreendimentos imobiliários e a economia cafeeira na área setentrional do Paraná, com um modo peculiar de implantação explica a rede urbana formada no Noroeste do Estado. A formação dessa área pode ser considerada como uma etapa da nova urbanização brasileira (SANTOS, 1996b, p. 26), quando começa a aparecer uma rede urbana qualitativamente diferente, mais dispersa e articulada.

Desta forma, o Noroeste do Paraná encontra-se em um capítulo da história do Brasil como um importante produtor de café. Devido a essa atividade econômica é possível relacionar o desenvolvimento desta região ao processo histórico brasileiro. Neste contexto, os aspectos decorrentes da formação socioespacial na região Noroeste paranaense, apresentam uma área inicialmente com população densa e dispersa o que mantinha a centralidade e apresentava um dinamismo econômico e social dos vários pequenos núcleos urbanos criados pelas companhias colonizadoras.

AGENTES PRODUTORES DO ESPAÇO REGIONAL

O processo de formação socioespacial dessa área do Noroeste paranaense decorre da ação realizada por diversos agentes sociais. “O espaço produzido só é explicável em função do processo que o engendrou, e a forma criada só se revela pelo uso social a cada momento, como um valor de uso” MORAES (2005, p.43).

O processo de formação econômico social é entendido através da realidade local e espacial. Portanto, o lugar é o ponto de relações de condições e mediações entre o espaço e o processo histórico produzido na localidade.

Por isso a formação econômico-social é vista, nesse sentido, sempre como realidade localizada temporal e espacialmente. O lugar sendo posto, assim, como mediação. A espacialidade como elemento particularizador dos fenômenos históricos (MORAES, 2005, p. 44).

Através desses elementos, encontramos na sucessão temporal, os processos que possibilitam indicar os agentes que contribuíram para a produção do espaço. Em face desse entendimento MORAES (2005, p. 45). explica: “Na historicidade plena dos processos singulares brota a possibilidade de indicar os agentes do processo, os sujeitos concretos da produção do espaço”.

Assim, o processo de formação socioespacial envolve elementos presentes no território e que indicam uma forma particular de acumulação de capital. Neste sentido, questões como relacionamentos humanos, formas de ocupação, uso da terra contribuem para expressarem os resultados de um determinado ato político e econômico.

O sentido da construção desse espaço é realizado pela transformação da natureza. É o próprio capitalismo que possibilita a construção de um segundo espaço. Esta segunda fase sobrepõe o espaço anterior aos agentes sociais originais dessas terras.

[...] podemos afirmar que, ao produzir uma segunda natureza no norte do Paraná, o capitalismo estava produzindo um novo espaço geográfico próprio à sua atuação e diferente do espaço tradicional [...] (MOTA, 1994, p.14).

As características do espaço ocupado, executado por empreendedores privados, procuram construir uma imagem de um território desabitado, formando a ideia de que não estavam presentes agentes sociais como posseiros, índios, grileiros, trabalhadores e pequenos proprietários rurais. São agentes que contribuíram para o processo de formação socioespacial das localidades e foram excluídos dos discursos deixados como herança pela Companhia Byington. Segundo MORAES (2005, p. 77) “[...] uma construção ideológica, no sentido de que a conquista e legitimação objetivadas devem ser assimiladas pelos agentes sociais envolvidos no processo”.

Os agentes que estavam presentes como posseiros, índios, grileiros, trabalhadores rurais, por força de apropriação do território através de atos políticos, impõem a realidade dos que agora possuem a legitimidade de explorar o território a produzirem um novo espaço. Portanto, o espaço se forma e se reproduz na medida em que as mudanças são influenciadas por elementos econômicos, sociais e políticos.

As ações políticas adotadas em um determinado período histórico podem ser entendidas como ações sociais tendo como objetivo a obtenção do poder. A estrutura administrativa do Estado, sendo responsável por determinadas decisões, não está à margem de um processo de formação social.

As transformações que acontecem na região podem ser contextualizadas devido às ações do governo estadual, a partir dos anos de 1940, sob a influência do governo de Vargas que mostrava um ideal nacionalista, aliada à instauração de uma agricultura racional. Esse discurso alimentava ao mesmo tempo a ocupação sistemática de terras consideradas “abandonadas”, “desocupadas”, tornando ação prioritária do governo.

Na explicação sobre o território, autor destaca um dos principais agentes desta complexidade de formação socioespacial. “[...] aparece como fundamentação dos desígnios de um dos agentes mais poderosos nesse jogo: o Estado” (MORAES, 2005, p. 46). De acordo com Nilo Bernardes (2007), o Estado realiza grandes concessões de terras às empresas particulares. Este procedimento, segundo o autor, ocorre desde 1910 na região entre os Rios Iguaçu e o Piquiri. “Pode-se perceber o quanto se agiu comparando-se a área ocupada entre 1910 e 1920 com a de 1940-1950, justamente o

decênio em que vem operando a ação governamental na região” (BERNARDES, 2007, p. 107).

Através da iniciativa privada, os discursos governamentais ligados à economia nacional estão relacionados com base na cultura cafeeira. O Estado atuou na forma de estimular a reocupação do território, procurando incentivar o cultivo do café.

No trabalho realizado por Moro (1991), o autor analisa a participação do Estado, procurando analisar o território paranaense seguindo a economia predominante no cenário nacional.

Portanto, ao organizar territorialmente sua produção econômica, procurou fazê-la observando a lógica do sistema capitalista de produção, possibilitando a acumulação ampliada do capital aos setores empresariais [...]. Logo, intensificando a penetração das relações capitalistas de produção no espaço rural (MORO, 1991, p. 154).

Apoiado no discurso sobre o cultivo do café, isso contribuía para aumentar arrecadação, obtendo vantagens das comercializações imobiliárias. Assim, as companhias procuravam alinhar seus interesses ao cultivo do café. Embora o interesse econômico estadual estava relacionado nas transações imobiliárias, a possibilidade de cultivar o café atraía imigrantes para a região.

São evidentes os interesses do governo paranaense. Na realidade, tais interesses não estavam na economia cafeeira, mas nas promissoras fontes de rendas decorrentes de transações imobiliárias e nos tributos. Caso imperasse no Paraná a proibição do plantio de café, a maioria dos pequenos produtores teria deixado de adquirir terras nesse Estado (ENDLICH, 2006, p. 73).

Para tornar realizável o desenvolvimento desses empreendimentos imobiliários era necessário criar atrativos. A base que sustentava este discurso estava na tradição que o país possuía na lavoura cafeeira e, principalmente, no vínculo afetivo dos agricultores paulistas.

Assim, concretizava o processo de reocupação no Noroeste paranaense. O êxito destes empreendimentos imobiliários, realizados por companhias colonizadoras de capital nacional e internacional, foi possível devido ao apoio concedido pelo Estado, conforme aponta Gonçalves (1999). No entendimento de Cordovil (2010), essa foi a forma mais atrativa para relacionar o cultivo deste produto ao processo de ocupação do Noroeste paranaense.

Além disso, a proibição do plantio em São Paulo e em outros Estados

e declínio da produção dos cafezais nas regiões de lavoura mais antiga contribuíram para que muitos fazendeiros buscassem as terras paranaenses, próprias para o café e ainda não sujeitas às restrições ao seu plantio (LUZ, 1980, p. 14).

Desconsiderar a possibilidade de produzir café na região em estudo seria difícil que ocorresse a reocupação do Noroeste do Paraná. Dessa maneira, a dinâmica produzida pelo complexo da agricultura cafeeira, ajuda explicar o processo da espacialidade formado na área que esteve sob ação da Byington.

É importante destacar que o complexo econômico do café produzia uma série de outras atividades desse setor, entre elas, o custo do beneficiamento, embarques, mão de obra, transporte, impostos, são algumas características desta dinâmica (ENDLICH, 2006).

Para Rosaneli(2013, p. 81) o “Plantio de café e venda de terras, portanto foram os elementos estimulantes para a expansão da fronteira, resguardada pela ação governamental ávida por ingresso de migrantes e tributos”.As atividades destacadas anteriormente demonstram que a economia cafeeira não estava assentada somente em seu cultivo.Essas evidências apontam como desenvolviam a economia local e os movimentos populacionais, econômicos produzidos nos núcleos urbanos. Sob este aspecto, podemos afirmar que a fundação dos núcleos urbanos aqui estudados surgiu pelos ânimos despertados pelas atividades cafeeiras e os negócios com a terra contribuíram para a reocupação do território da Byington.

AS COMPANHIAS COLONIZADORAS NO NOROESTE DO PARANÁ

As Ciências Sociais oferecem suporte metodológico para analisar a problemática da formação socioespacial, em especial, objetivo proposto neste trabalho sobre as ações desenvolvidas pela Byington, como agente produtor do espaço. É através desta empresa que procuramos encontrar elementos que ajudam a compreender o processo de construção do espaço e o processo de reocupação do território que pertenceu à Byington.

No entendimento de Mota (1994), a sobreposição é o momento em que se desenvolve o processo de reocupação do território.Portanto, o processo de reocupação dos territórios considerados “inóspitos” seria uma maneira de dar identidade ao

processo de reocupação territorial.

Através dessas frentes de reocupação houve um processo de mudança na questão econômica e nas relações de trabalho, passando a estabelecer um novo modelo de atividade de produção. As atividades econômicas, inicialmente, baseadas em práticas primitivas (atividades criatória, pastoril e de agricultura de subsistência) estavam paulatinamente cedendo às condições empregadas pelas companhias, sendo necessário para o desenvolvimento de empreendimentos mercantis.

Portanto, com esse espírito de unidade nacional manifestado nos discursos oficiais, o cenário econômico internacional produzia interesse do capital em buscar alternativas de investimentos. Alimentado por estas perspectivas, surgem as companhias colonizadoras.

Em 1990, Lupion concede entrevista a Aramis Millarch, publicada no jornal Estado Paraná com título *Lupion, um depoimento para a história política do Paraná*. Nesta entrevista, o então governador do Paraná relata alguns interesses em criar as condições para o desenvolvimento do Estado, garantindo, maior arrecadação e aumento da população em determinadas regiões do Paraná. A decisão tomada pelo governador para alcançar os objetivos, foi realizar o que ele próprio denominou de parcelamento de terras.

Era uma época de dificuldades. O Paraná ainda não tinha tomado o desenvolvimento que garantisse uma arrecadação de acordo com as suas necessidades. Para aumentar a população do Estado e, em consequência, melhorar a renda, iniciamos o projeto de ocupação do território, através do "parcelamento" de terras. Com isto a arrecadação começou a crescer (LUPION, 1990).

A sociedade e a política nacional foram assinaladas pelos movimentos de expansão demográfica sobre as terras “não ocupadas” ou “não suficientemente ocupadas”. Na realidade, trata-se de implementar uma ocupação capitalista efetiva, promovendo maior inserção do Estado e de suas regiões no cenário econômico.

Um dos primeiros trabalhos sobre a colonização do Norte do Paraná foi realizado por Pierre Monbeig. Em sua obra *Fazendeiros e Pioneiros de São Paulo* (1984), o autor faz abordagem sobre o processo de colonização da região Norte do Paraná.

Nesta obra, Monbeig (1984) realiza uma análise sobre uma sociedade em movimento. São três os processos que contribuem para a conformação desta sociedade em movimento: “o avanço da fronteira agrária, o crescimento das cidades e a extensão

da rede de estradas e ferrovias” (ZUSMAN, 1994, p. 316). Embora as companhias não estejam relacionadas entre os pontos destacados por Zusman (1994), a ação desenvolvida por elas influenciaram no processo de formação e desenvolvimento das questões anteriormente relacionadas. Assim, as empresas colonizadoras começam a desempenhar atividades avançando sobre as terras por serem reocupadas. Na citação de Dean (1996)

Essa população ampliada ainda era distribuída de maneira muito irregular. Continuava a existir uma fronteira de assentamentos, além da qual os povos tribais sobreviviam em pequenos bandos e ao longo da qual apenas uma escassa população de pioneiros [...] (DEAN, 1996, p. 207).

Neste sentido, os investimentos realizados por estrangeiros, em especial, pelos britânicos em zonas paulistas, conforme explica o autor, contribuíram para o avanço do cultivo do café. Sobre esta questão, Padis (1981) relata “não é exagero escrever que a evolução econômica desta região confunde-se com a produção cafeeira ali registrada” (PADIS, 1981, p. 117).

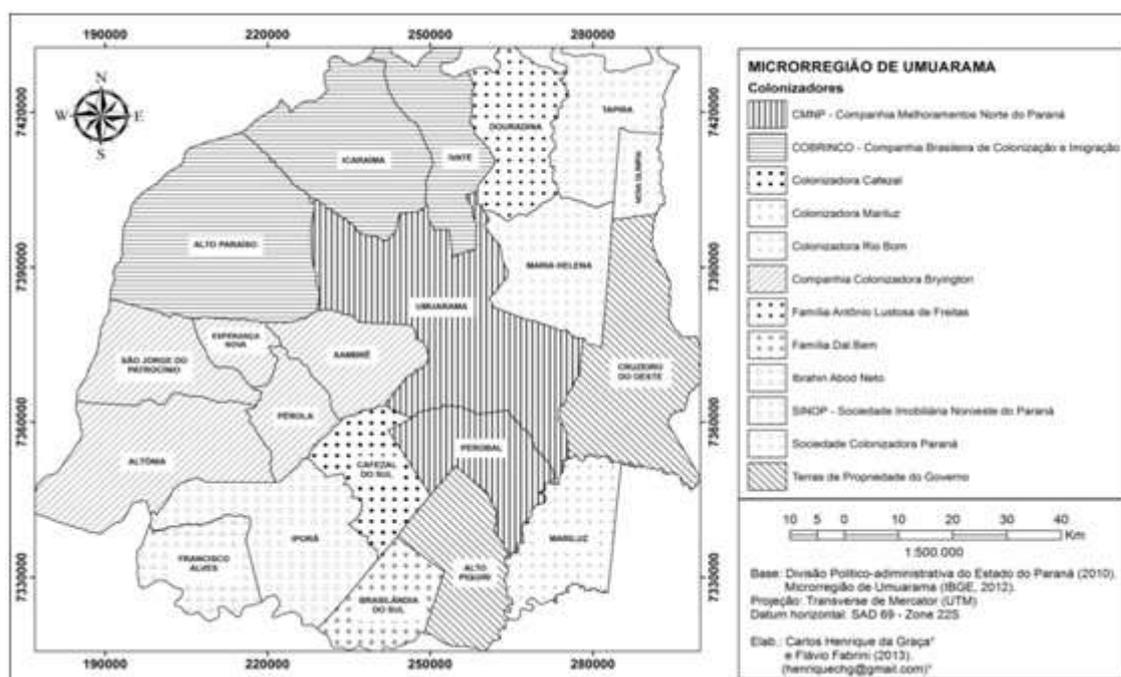
A história do Paraná ganha um dinamismo com a ocupação norteparanaense. As mudanças ocorridas nesse território aconteceram de maneira rápida se comparada aos quatro séculos de estagnação econômica pela qual passou o velho Paraná. Em poucas décadas, a paisagem natural é modificada, dando lugar ao plantio de lavouras cafeeiras. As mudanças refletem no surgimento de vários núcleos urbanos, pela dinâmica econômica ocorrida nesta região paranaense, conforme aponta Padis (1981).

A partir de então, empresas de todo porte e de várias nacionalidades, atuaram no processo de expansão da fronteira do café no Paraná. Diversas foram constituídas para operar restritas ao parcelamento rural, mas muitas, ao mesmo tempo, também trabalharam na fundação de núcleos urbanos. Vários foram concebidos como pequenos e modestos “patrimônios”, mas em geral, eram apresentados com entusiasmo propagandístico, destinados a obterem “sucesso” certo e proeminente posição na rede de cidades em formação, tornando-se sedes de municípios. Contudo, vários não lograram êxito nesse sentido e permaneceriam como distritos (ROSANELI, 2010, s.d.).

Atento a este processo, Monbeig (1984) faz referência a esses empreendimentos que ganharam destaque no desenvolvimento de grandes loteamentos executados pelas companhias desde São Paulo, atingindo grande parte do território paranaense. Devido as ações das companhias colonizadoras surgiram oportunidade para a chegada de imigrantes, atribuindo valor comercial a terra.

No Noroeste do Paraná, são vários os atuais municípios e localidades que têm sua origem em atividades realizadas por companhias e responsáveis pela formação do espaço. A maioria dessas empresas possuía pouca ou nenhuma experiência nesta atividade, como é o caso da Byington. Na Figura 1 é mostrado o panorama de atuação desses empreendedores imobiliários na microrregião de Umuarama. No entanto, o recorte territorial faz parte da região Noroeste do Paraná.

Figura 1- Mapa da colonização da microrregião de Umuarama, 2007.



Fonte: adaptado de Cássia R. S. Cardoso.<acesso em 20 de maio 2013>

Podemos perceber que foram vários os agentes que atuaram como empreendedores, ao todo são onze agentes particulares e uma atividade realizada pelo governo estadual.

Neste sentido, foram onze (Figura 1) empreendimentos que exerceram atividades de construção do espaço. É importante destacar que havia terras pertencentes ao governo estadual, como podemos observar na localidade de Cruzzeiro do Oeste.

A Byington apresenta como responsável por formar o maior número de localidades, cinco ao todo. Isso, no entanto, não remete necessariamente que a referida empresa possuía o maior território entre os empreendimentos desta microrregião. Em seguida aparece a Companhia Brasileira de Colonização e Imigração - Cobrinco, atuando em três localidades. Já Companhia Melhoramento Norte Paraná - CMNP esteve

a frente da formação da localidade Umuarama. Hoje o principal centro econômico entre as localidades na microrregião.

Nossa primeira referência temporal quanto à atuação da Byington é a partir 1950, quando a empresa alcança o Paraná, atuando em uma área com 136 mil hectares, tendo limites territoriais o rio Paraná. É neste território que atualmente estão constituídos as municipalidades de Altônia, Esperança Nova, Pérola, São Jorge do Patrocínio e Xambrê.

Através do exercício de buscar fatores que identificam a uniformidade da porção ocupada pela Byington como parte de um processo de formação socioespacial, associada à região Noroeste do Paraná, chegou-se aos seguintes elementos: companhia colonizadora, migrantes, agentes sociais, trabalhadores, formação de núcleos urbanos e a economia ancorada principalmente na produção e cultivo do café. Esses elementos permitem reconhecer semelhanças da formação socioespacial presente no Noroeste do Paraná, apresentando os mesmos princípios na porção ocupada pelo empreendimento da Byington.

A Companhia Byington é de origem norte-americana. Seus fundadores migraram para o Brasil e iniciaram as atividades no Estado de São Paulo, atuando no ramo de eletricidade. Após o período no Rio de Janeiro, foram para Campinas, quando os empreendedores começam a realizar as primeiras atividades no fornecimento de energia, criando pequenas hidrelétricas.

Paulo Egydio Martins foi um dos responsáveis mais influentes ao assumir a Byington & Companhia, iniciando atividades que denominou de “Aventura no Paraná”. Assumiu importantes postos políticos no cenário nacional, conforme relato abaixo

O dono da empresa acabaria por se tornar seu sogro: em 1953 casou-se com Brasília (Lila) Byington Egydio Martins e mudou-se para São Paulo. Como empresário Paulo Egydio participou da conspiração que levou ao movimento civil e militar de 31 de março de 1964. Mesmo discordando dos rumos da ditadura militar, achou que deveria participar do regime por dentro: num primeiro momento, como ministro da Indústria e Comércio do governo Castelo Branco (1966-1967), e mais tarde, como governador de São Paulo indicado pelo presidente Ernesto Geisel (1975-1979) (MARTINS, 2007, p. 21-22).

Martins (2007) traz detalhes durante o período em que foi ministro da Indústria e Comércio no governo Castelo Branco (1966-1967). Revela questões que influenciaram na economia, na política tanto no contexto nacional como no cenário

internacional. “Para além de sua experiência e de suas reflexões sobre a política, a entrevista de Paulo Egydio Martins contém descrições de personagens e situações que ajudam a compreender cenários e visões de mundo” (MARTINS, 2007, p. 23).

Como podemos observar na citação anterior, Martins (2007) exerceu cargos do alto escalão no contexto político nacional, chegando a governador do Estado de São Paulo 1975-1979. Esteve cercado por pessoas conhecidas no meio intelectual, como Fernando Henrique Cardoso³ e outros personagens da política nacional.

Nas linhas seguintes, explicada por Martins (2007), retratamos um pouco sobre o processo que deu origem ao empreendimento no Noroeste do Paraná. Após esse período de adaptação no Brasil, Alberto Jackson Byington⁴ homem bem sucedido, fundou a empresa Byington & Companhia, que mais tarde iria dar origem a Byington & Cia. Ltda. e Colonização.

O empreendimento com sede em São Paulo dependia de obras do governo, especificamente na área de engenharia sanitária. A companhia desenvolvia diversas atividades industriais. Além dessas atividades, era proprietária da gravadora Continental (MARTINS, 2007, p. 111)

A Byington & Companhia era uma firma muito grande e muito diversificada, de um dono só – é o que o americano chama de one man show. A firma tinha filial em Nova York, na 113 Broadway, quase esquina com Wall Street, um ponto valorizadíssimo, tinha filiais em todas as capitais do Brasil, e tinha obras de norte a sul do país, contratadas pela União, estados, municípios e particulares (MARTINS, 2007, p. 113).

Portanto, neste cenário ocorre a participação da Companhia Byington no Noroeste do Paraná, iniciando o processo de ocupação capitalista efetiva desse território. Desta ação, materializam-se, posteriormente, as localidades urbanas.

Devido as circunstâncias econômicas do Paraná, as autoridades governamentais apontavam que, no momento, o Estado encontrava-se em dificuldades para efetuar o pagamento dos serviços realizados pela Companhia Byington, na execução da obra. “Tomei então conhecimento de que a firma estava construindo uma estrada de ferro ligando o norte ao sul do Paraná, ou seja, Apucarana a Ponta Grossa, e

³ Comunicado enviado por Fernando Henrique Cardoso a Paulo Egydio Martins com data de 25 de novembro de 1974.

⁴ A família chamava de Byington Sênior. MARTINS, Paulo Egydio. Paulo Egydio: depoimento ao CPDOC / FGV/Organização Verena Alberti, Ignez Cordeiro de Farias, Dora Rocha. São Paulo: Imp. Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 101.

de que, como pagamento, o Dr. Byington tinha recebido terras devolutas do estado [...]” (MARTINS, 2007, p. 114).

Diante das dificuldades apresentadas, os responsáveis da empresa propuseram para as autoridades estaduais emitir bônus, conforme explica Martins (2007).

E já que o estado não tinha possibilidade de pagar por aquela obra em dinheiro, o Dr. Byington criou uma forma de o estado emitir bônus, que dariam 10% de desconto a quem os usasse para comprar terras devolutas. Como o volume de dinheiro era muito grande, ele recebeu muitos desses bônus e ficou, em nome dele, pessoa física, com os tais 75mil alqueires de terras. Quem começou a abertura desses 75mil alqueires fui eu. Na verdade, fui desenvolver um ativo da firma, que estava preocupada em pagar a dívida com o Banco do Brasil (MARTINS, 2007. p. 114-115).

Assim a Byington recebeu essas terras como forma de pagamento dos serviços prestados. “Mas a receita que o Dr. Byington deveria receber ficou totalmente imobilizada em terras [...]” (MARTINS, 2007, p. 116).

De acordo com Martins (2007), o principal objetivo da ferrovia era dar possibilidades de escoar produtos para o porto de Paranaguá, facilitando o transporte, principalmente do café.

Era uma ligação crítica, porque o norte do Paraná sempre foi separado do restante do estado. Era como se fosse outro estado, com outra mentalidade, outra formação e cultura. O sul era totalmente diferente. E essa ferrovia teria a finalidade maior de levar para o porto de Paranaguá, em vez de Santos, o café produzido pelo norte do Paraná. Em lugar de ser transportada por estrada de terra – na época as estradas não eram nem asfaltadas –, o café seria escoado pela ferrovia (MARTINS, 2007. p. 114).

Sobre o processo de aquisição dessas terras, Silva (1987) escreve que: “Essetipo de acerto chegou a ser adotado a nível estadual, em 1948, quando o governador Moysés Lupion pagou as obras iniciais da Estrada de Ferro Central do Paraná com terras da região de Umuarama, onde a Byington, de São Paulo, desenvolveu a colonização de Pérola, Xambrê, Altônia e outros” (SILVA, 1987, p. 54). Foi durante o ano de 1951 que surgiram os primeiros documentos de transcrição de terras envolvendo a empresa. No entanto, perguntamos: “por que houve um período de três anos para darem início no processo de transcrição dos documentos em nome da Byington?”

À medida que analisamos as palavras de Martins (2007) sobre as atividades da Companhia, podemos perceber a dimensão que os empreendedores estavam envolvidos

no meio empresarial e as circunstâncias que levaram a Companhia a realizar o processo de formação do espaço. No entanto, em nenhum momento encontramos dizeres que constam que a empresa tenha realizado atividade associada à formação de localidades.

Preocupados em resolver duas situações: de um lado, junto ao governo do Paraná, havia a possibilidade dos empreendedores receberem seus ativos devidos à prestação de serviços na construção da estrada de ferro entre Apucarana e Ponta Grossa; de outro lado, a possibilidade da empresa saldar a dívida junto à união, neste caso, com a instituição Banco do Brasil.

Aliado a essas questões, é possível elencarmos outro elemento que contribui para o entendimento e interesse dos empresários no desenvolvimento das localidades realizada pela Byington, conforme apresenta Martins (2007)

[...] foi ir para essa região e montar a estrutura para um loteamento, como a Companhia de Desenvolvimento de Terras do Norte do Paraná havia começado a fazer anos antes, e continuava fazendo. Íamos copiar o que a Norte do Paraná tinha feito – um trabalho fantástico – [...] (MARTINS, 2007, p. 114).

Podemos observar que as atividades desenvolvidas pela Companhia Byington procurou realizar o processo de formação do espaço, seguindo o modelo adotado pela CTNP/CMNP. Embora suas atividades envolvessem a formação de centros econômicos de maior importância, como Maringá e Cianorte, o mesmo não ocorreu com a atuação da Companhia Byington.

LOCALIDADES CRIADAS PELA COMPANHIA BYINGTON

As companhias realizam o processo de reocupação do território fortalecendo a ideia de um território em condições para o desenvolvimento e formação do espaço idealizado pela empresa. Segundo Corrêa (2003), este processo não ocorre de forma invisível, é materializado.

A empresa inicia suas atividades com a formação de núcleos urbanos a partir 1952. O impulso para o processo de formação socioespacial, realizado pela Byington, foi muito parecido com o ocorrido nas regiões Norte e Noroeste do Paraná.

O processo de construção dos empreendimentos imobiliários seguiu projeto semelhante ao idealizado pela CMNP, conforme escreve Cordovil (2010) “várias

empresas de loteamento seguiram o padrão da CMNP comercializando terras e fundando cidades” (CORDOVIL, 2010, p. 61).

As dificuldades para realizar os primeiros trabalhos de formação do espaço em terras da Companhia eram muitas: o acesso por terra era praticamente inexistente. Deslocamento aéreo ainda não havia viabilidade. Como chegaram a este território? A forma encontrada para ter acesso ao território e iniciar os trabalhos foi descer de barco o rio Paraná por Presidente Epitácio até o município de Guaíra. Em seguida, pela mesma forma de locomoção pelo rio Paraná, até o local denominado de Porto Byington⁵, localizado em terras da empresa (MARTINS, 2007).

O processo de abertura dessas terras ocorreu com o uso de mão de obra indígena, porém, os trabalhadores contratados para realizarem as atividades vinham do Paraguai, passando por Sete Quedas até chegarem ao Porto Byington. Eram de terras estrangeiras que chegavam excelentes construtores de pontes de madeira. “Todo o pessoal que contratei eram índios paraguaios que vinham do Paraguai por Sete Quedas, andando” (MARTINS, 2007, p. 115).

Como não havia estradas disponíveis entre os núcleos urbanos para realizar os transportes, a mobilidade por terra era um grande obstáculo. A falta de infraestrutura nesta área foi superada pela construção do campo de pouso construído na localidade de Elisa. Ao optarem por esta forma de mobilidade, ressaltamos alguns pontos: a) a distância entre cidades maiores, como São Paulo, onde estava a sede da empresa, era superada; b) agilidade em transportar alimentos, gerentes, engenheiros etc. Relacionado a esta questão, a imagem (Figura 3) simboliza o progresso, podendo ser usado como forma de promoção do local, influenciando no processo migratório para essas localidades. Esses símbolos (Figura 3) ajudam a caracterizar como desenvolveram os núcleos urbanos e a forma adotada na promoção dos locais criados pela Byington.

⁵Os responsáveis da Companhia utilizaram o Porto Byington como ponto de apoio para desenvolver as primeiras atividades de reocupação do território. Através deste porto, chegaram equipamentos, trabalhadores e mantimentos. O porto foi construído nas barrancas do rio Paraná, no atual município de Altônia

Figura 3. Distrito de Xambrê – Elisa- Campo de aviação, 1959.



Fonte: Acervo particular de Jurandir de Souza, 2013.

A figura 3 deixa evidências de que a futura cidade de Xambrê tinha a possibilidade de se tornar um centro urbano. Na realidade essa era a expectativa dos mais diversos empreendimentos no Noroeste do Paraná. Não foi somente Xambrê que passou por esse entusiasmo. Esse otimismo pode ser encontrado em outras localidades do Paraná como no núcleo urbano de Tupinambá, distante 26 km de Maringá, hoje distrito de Astorga. A ideia que permeava o senso comum regional, sobre a possibilidade de boas terras em relação a Xambrê, aparece na letra de música que apresentamos a seguir.

Quando eu cheguei lá pras bandas de Xambrê vinha de longe e comigo a esperança e uma terra dadivosa eu encontrei neste recanto de fartura e bonança. Rasgando solo e cavando eu vivia, e nas sementes eu lançava minha fé, cheguei a ver lá então um certo dia, surgir da terra o milagre do café. Minha Xambrê, rica terra de Xambrê, todo café que sua terra hoje nos da tudo me diz com certeza que você será orgulho deste grande Paraná (SERRINHA E CABOCLINHO, [1954?]).

A Byington, sendo dona da gravadora continental, desenvolveu uma maneira

de realizar a propaganda sobre as localidades através da música⁶. Ao que tudo indica, esta foi uma forma inovadora idealizada pelos empresários em realizar a propaganda sobre as terras e empreendimentos construídos através da Companhia Byington.

O uso intensivo das propagandas pelas companhias sejam através de anúncios em jornais, panfletos, rádio, cartazes e música, foi fundamental para atrair compradores. Esta forma de publicidade, conforme explica Rosaneli (2013) foi devido a intensa concorrência entre as empresas na comercialização das propriedades rurais. Essas empresas possuíam basicamente os mesmos propósitos. Assim explica o autor “a concorrência, cada vez mais intensa, impingia o uso de estratégias para divulgar as benesses dos empreendimentos. A propaganda tornar-se-ia fundamental” (ROSANELI, 2013, p. 82) para o incentivo migratório nesta região do Paraná

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação socioespacial realizado pela Companhia Byington, está relacionado ao contexto econômico da escala nacional. Neste sentido, Estado do Paraná desenvolveu sua economia baseado na cultura do café, a partir de 1950. Portanto, foi através deste produto que a região Noroeste do Paraná, sob a influência das Companhias Colonizadoras e a participação do Estado, atraiu imigrantes para esta região, imprimindo um ritmo de reocupação e criando uma dinâmica na formação de núcleos urbanos bastante intensos. Portanto, as ações adotadas pela Companhia Byington, procurou reproduzir um discurso de um território inóspito, omitindo a presença de agentes sociais.

Neste sentido, a ação da Companhia Byington reforça na área em que atuou o processo de ocupação capitalista efetiva do território realizado na região Noroeste do Paraná. Devido ao momento econômico, a atuação dessas companhias está associado a economia cafeeira e a participação do Estado, na concessão de terras.

Era parte do processo, a criação de várias localidades, originando os municípios atuais de Xambrê, Pérola, Altônia, São Jorge do Patrocínio e Esperança Nova. Observamos desta maneira que as atividades da Companhia Byington não ocorrem de forma isolada. Outras empresas estiveram presentes na região Noroeste do

⁶Moda Campeira com título Xambrê. Música cantada pela dupla Serrinha e Caboclinho. Autores Juracy Rago e Oswaldo Rielli. Em 1949, a dupla passou a gravar na Continental, gravadora que pertencia ao grupo Byington.

Paraná atuando no processo de formação de localidades urbanas. Isto compôs uma densa rede urbana regional, com muitos pequenos núcleos urbanos cujo arranjo socioespacial desenvolveu, principalmente através da agricultura cafeeira.

REFERÊNCIAS

ALTÔNIA. Prefeitura Municipal, *Plano Diretor Municipal de Altônia*. Altônia, 2009.

BERNARDES, N. Expansão do povoamento no Estado do Paraná. *Geografia e o Norte do Paraná: um resgate histórico*. Londrina: Humanidades, 1 v. 2007, p. 77-118.

CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 2003.

CORDOVIL, F. C. DE S. *A aventura planejada: engenharia e urbanismo em Maringá, PR: 1947 a 1982*. Tese Doutorado – Escola de engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2010

DEAN, W. *A Ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ENDLICH, A. M. *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná*. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) - FCT/UNESP Presidente Prudente, SP.

LUPION, M. Lupion, um depoimento para a história política do Paraná. Set. 1990. Aramis Millarch. *Estado Paraná. 23 de Setembro de 1990*. Coluna Tablóide, p. 2. <http://www.millarch.org/artigo/lupion-um-depoimento-para-historia-politica-do-parana> <Acesso em 31 de Agosto de 2012>.

LUZ, F. *O fenômeno urbano numa zona pioneira*: Maringá. Maringá: Prefeitura, 1997

MARTINS, P. E. *Paulo Egydio: depoimento ao CPDOC / FGV / Organização Verena Alberti, Ignez Cordeiro de Farias, Dora Rocha*. São Paulo: Imp. Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec: Polis, 1984.

MORAES, A. C. R. *Território e História do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

MORO, D. A. *Substituição de culturas, modernização agrícola e organização do espaço rural, no Norte do Paraná*. 1991. 353 p. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP, Rio Claro, SP.

MOTA, L. T. *As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios kaingang no Paraná (1769-1924)*. Maringá: Eduem, 1994.

ROSANELI, A. F. *Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana*. Curitiba: UFPR, 2013.

_____. Cidade e Arquitetura na Fronteira do Café no Paraná. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. 1990. Seminário de História da cidade e do Urbanismo. A construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar? V.11, n.2 (2010). Não Paginado.

SANTOS, M. *Espaço e Sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. Sociedade e espaço: *a formação social como teoria e como método*. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n.54, p.81-99, jun.1977.

SILVA, P. M. S. DA. *História de Paranavai*. Edição comemorativa aos 36 anos de Paranavai. Paranavai, 1987.

ZUSMAN, P. B. Aceleração e transformações espaciais. Os geógrafos dos anos 30 perplexos, buscam conceitualizar o Brasil e o mundo. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 315-320.